

UM FOTÓGRAFO BRASILEIRO DO SEGUNDO REINADO

Duílio BATTISTONI FILHO

Apesar das intensas discussões no meio acadêmico se a fotografia é uma arte ou não, o importante é que ela é sempre festejada e bajulada a ponto de ter uma enorme penetração no mercado.

Susan Sontag no seu belo livro "Ensaio sobre a Fotografia" nos diz que "coleccionar fotografias é coleccionar o mundo". Tanto é verdade que enquanto filmes e programas de televisão ilustram as telas, tremulam e se apagam, a fotografia fixa a imagem e o objeto, representando um peso-leve, fácil de carregar, acumular e guardar. Ela abarrota o mundo e constitui a prova irrefutável de que certo evento aconteceu.

O primeiro grande estudo sério sobre a fotografia no Brasil apareceu em 1946, no nº 10 da Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Este trabalho, reimpresso em 1953, sob a forma de separata, chamava-se significativamente "A Fotografia no Brasil e um dos seus mais dedicados servidores: Marc Ferrez (1843-1923) de autoria de Gilberto Ferrez, aliás seu neto. É preciso acentuar que nova edição, revista e ampliada foi feita pelas fundações Pro-Memória e Funarte, em 1985.

Perlustrando a história da fotografia no Brasil podemos dizer que o Brasil teve o privilégio de ser um dos primeiros países do mundo a conhecer a daguerreotipia, em 1840, quando o abade Combes fotografou o Largo do Paço no Rio de Janeiro, causando grande admiração na sociedade de então. Já na exposição da Academia Imperial de Belas Artes de 1842, a terceira realizada no país, encontramos entre os expositores a sra Hippolyte Lavenue, a primeira mulher fotógrafa do Brasil, e uma das primeiras pessoas a levar a fotografia aos salões de arte.

A introdução da fotografia no Brasil foi encarada com entusiasmo pelo imperador D. Pedro II. Entusiasmo que o levou, por exemplo, a ser o

primeiro monarca a conferir honrarias a fotógrafos, no caso Buvelot & Prat, que tiveram a permissão de usar as armas imperiais desde março de 1851.

Gilberto Ferrez analisa em seu livro a grande contribuição dos pioneiros da fotografia brasileira, dentre eles, Hércules Florence, com suas experiências em Campinas, São Paulo, na época chamada São Carlos e de Victor Frond, cujas fotografias foram estampadas por Charles Ribeyrolles, no seu livro "Brasil Pitoresco".

Entretanto, o mais importante foi indubitavelmente o carioca Marc Ferrez, cuja atuação marcou todo o final do século XIX. Tanto é verdade que ele é o único fotógrafo brasileiro deste século a ter o seu trabalho incluído no monumental livro "A World History of Photography", de Naomi Roseblum, cujo grande mérito é o de abrir espaço para países como o nosso, geralmente marginalizados na história da fotografia por um etnocentrismo que concentra todas as realizações importantes na Europa e Estados Unidos, como se o resto do mundo servisse apenas como tema para fotógrafos, sendo incapaz de gerar produção própria de algum valor.

Marc Ferrez deve seu aprendizado fotográfico graças à convivência com o fotógrafo alemão, Franz Keller, que tinha vindo ao Brasil trabalhar na Casa Leuzinger no Rio de Janeiro, a qual mantinha uma seção de fotografia. Ferrez foi o mais eficaz cronista do Brasil na segunda metade do oitocentos. Ganhou o respeito da família real brasileira a ponto de ter sido nomeado professor de fotografia da princesa Isabel, a Redentora. Na verdade ele fotografou tudo que havia de interessante no Brasil entre 1870 a 1910 - igrejas, monumentos, estradas de ferro, fazendas, cidades, rios e portos. Acompanhou expedições geológicas pelos sertões do Brasil, como aquela chefiada por Charles Frederick Hart, em 1875, chegando a fotografar pela primeira vez os índios Botucudos. Também registrou o progresso das linhas de navegação. D. Pedro II, sempre sensível ao talento de nossos fotógrafos, proclamou-o "fotógrafo oficial da Marinha Imperial", atribuindo-lhe mais tarde o título de Cavaleiro da Ordem da Rosa, principal mas não a única honraria que recebeu pela extraordinária qualidade de seu trabalho. Certa ocasião o próprio imperador ao homenagear o presidente do Uruguai, em 1875, quando de sua visita ao Brasil, resolveu presentear-lo com um álbum de vistas do Brasil de autoria de Ferrez.

Dentre os seus inúmeros prêmios devemos destacar os de Filadélfia (1876), Paris (1878) e em 1879 a medalha de ouro na Exposição Geral da Academia Imperial de Belas Artes no Rio de Janeiro.

Apesar de ser extremamente simples e afável com as pessoas era muito severo com seus auxiliares ao exigir deles muito empenho e dedicação. Roquette Pinto no seu livro " Ensaio Brasileiro" comenta que ele " foi um hábil conselheiro dos amadores da fotografia , pouco numerosos no começo do século".

Enfim, o livro de Gilberto Ferrez é um dos marcos da história da fotografia no Brasil que se lê com grande prazer e encanto.